

APRESENTAÇÃO

Atualidades e questões: ensaios em metodologia teológica. Assim poderia ser o título do presente número de *Teocomunicação*. A quarenta anos do Vaticano II, fazer Teologia significa sempre mais levar em consideração a estrutura metodológica descrita e consagrada na *Optatam Totius*, n. 16. Iniciando pela Escritura como “alma de toda Teologia”, passando pelos Santos Padres, a história da Teologia e a Tradição, chega-se aos problemas atuais mais relevantes para a fé cristã, analisados com os recursos da Filosofia e das demais ciências.

Sem obedecer a uma ordem rigorosa, o presente fascículo ilustra vários momentos desse fazer teológico, aplicando os diversos princípios avançados pelo Concílio. O leitor poderá encontrar aqui um exemplo de estudo cuidadoso de exegese (Nada está ileso em minha carne) sobre o *Sl* 38, do professor Romano Dellazari. Uma resenha das principais questões éticas, suscitadas pelo atual desenvolvimento genético e a bioética, é o que propõe Engenharia genética e Bioética, de Wilmar Barth. Trata-se de um tema de atualidade, assim como o da paz, analisado por Vital Corbellini, na Teologia do terceiro século, e na comunicação a respeito da Mensagem para o dia mundial da paz 2005 (Não te deixes vencer pelo Mal), Manoel Santos dos Santos.

A Liturgia, também como lugar teológico, é exercitada por Pedro A. Kunrath e Leandro Blume, relacionando oração litúrgica e mistério divino, assim como na reflexão a respeito da teologia presbiteral, enunciada no prefácio da missa de ordenação.

Urbano Zilles visita mais uma vez o tema recorrente da Fé e Razão, desta vez, a partir da Filosofia e das ciências, mostrando, contudo, ser urgente o diálogo atual com as últimas.

As religiões e seu lugar na sociedade, bem como sua pluralidade, muitas vezes são motivo de fortes antagonismos na história

recente e na sociedade. De um lado, constata-se uma tendência à indiferenciação, na medida em que se atribui a todas a mesma qualidade sem uma perspectiva referencial. De outro, registra-se também o fenômeno do fundamentalismo. O caminho geralmente adotado na Teologia dos últimos anos, a partir do Vaticano II, é o de uma atitude honesta de busca. Na perspectiva do Cristianismo essa atitude nunca é de renúncia às próprias convicções, mas também não pode ser uma imposição de seu modo de ver. Trata-se de reconhecer o Mistério divino, maior, como a instância última na qual todas as buscas encontram sua luz. Aos peregrinos cabe a docilidade no Espírito, sem presunções excludentes. Daí a importância dos artigos de Martin Dreher (O fundamentalismo religioso e sua importância na resolução ou agravamento do conflito palestino-israelense) e Boaventura Kloppenburg (Liberdade no pluralismo religioso), como posições dentro do debate em curso.

Eduardo da Silva Santos, sem a pretensão de um estudo aprofundado, traz uma introdução ao tema da Escatologia em alguns teólogos protestantes do século XX, baseado especialmente na perspectiva de alguns historiadores e teólogos espanhóis. Observa-se, com interesse, que os juízos formulados por esses autores estão fortemente condicionados às leituras fragmentárias do pensamento alemão, muitas vezes ignorando estudos mais críticos relativizando a chamada “teologia da morte de Deus” atribuída a Bonhoeffer, ou seu presumido “cristianismo a-religioso”, que deveria ser entendido à luz dos conceitos barthianos de religião. De modo semelhante, no caso de Moltmann, não se tem presente a sua obra mais importante a respeito da Escatologia, *Das Kommen Gottes*. Christliche Eschatologie [O advento de Deus. Escatologia cristã]. Gütersloh: Kaiser, 1995.

Recensões, comunicações e depoimentos acompanham os artigos como parte da vida teológica.

Aos colaboradores, às digitadoras e ao revisor, Prof. Ullmann, os agradecimentos da equipe de redação.

Erico Hammes